

A velha caixa dá os últimos suspiros

LUDMER, Paulo. "A velha caixa dá os últimos suspiros". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 11 de maio de 2017.

Música para o mercado é o teor das apresentações da equipe do Ministério de Minas e Energia, em 2017. Do ministro Fernando B. Coelho Filho a Paulo Pedrosa, seu vice; de Luiz Barata (ONS) a Luiz Barroso (EPE); de Romeu Rufino (Aneel) a Wilson Ferreira Jr. (Eletrobras); a partitura é uma só: fazer acontecer; aderência à economia real; aliança e pacto em prol do país; controle de tempo e conferência de resultados de decisões; fim da distribuição de bens localizados e mal socializados; e, dedicação a bens coletivos, através de regras iguais para todos, previsibilidade, clareza e permanência.

Esgotou-se o passado. Antes que o Produto Interno Bruto (PIB) retome sua ascensão, há tempo, oferecido pela recessão e sobra de energia no mercado, para a equipe trabalhar e propiciar o que almeja: enterrar um sistema no qual os agentes se viciaram em soluções pontuais e os males distribuídos, desde que aos outros. Quer dizer, carecem todos de mudanças culturais arraigadas a serem destocadas em toda a sociedade.

Por exemplo, preços verdadeiros devem ser agarrados à realidade, por mais dura que ela se apresente, como sombras aos nossos passos. O mercado precisa dar adeus ao intervencionismo estatal. Governo deve governar; o Estado e suas instituições não são propriedades mas ferramentas de governo. As associações de classe paroquiais ou umbilicais já podem se rever porque envelheceram. Espera-se, afinal, que a ética dê um passo rumo à economia. Sonho?

Sonho é bússola. Não poupo admiração a Roberto Araújo (Ilumina) que nunca deixou de honestamente sonhar. Seu sonho é de mais estado. Diferente do ideal que renasce agora. Só que Araújo é pura democracia, é idealista. Nesta seara nos irmanamos (para não falar do jazz que fisicamente em bandas distintas de fato tocamos).

O futuro é o que nos interessa. Portanto, preocupam as condições políticas não garantidas para a travessia da pinguela desenhada por FHC. Precisamos chegar respirando a 2018. Subscrevo Paulo Pedrosa: há que recuperar a lógica da eficiência, mormente na expansão da oferta de kWh renovável, térmicas a gás na base; hidro tanto quanto possível; mercado livre com real competição em todas as dimensões e precificações autênticas; e, enfrentar de uma vez o problema dos subsídios (garantidos pelas urnas, assegurados por políticas de governo, desde que por tempos definidos e resultados metrificados). A vidraça do governo doravante será mais grossa.

Contornos políticos são essenciais para a cruzada. A revisão das garantias físicas dos geradores está no primeiro degrau. Na Eletrobras, melhor governança e conformidade; redução do endividamento e venda de ativos indesejáveis; enxugamento e mais eficácia; superar entraves da burocracia; aumentar a justa conectividade (com a América Latina, Bolívia, Guianas, Garabi, etc.).

Não esquecer que o acordo internacional de Itaipu acaba em 2023 e seu repensar não pode passar de agora. Além disso, estão na berlinda do pensamento fora da caixa velha e falida: o cálculo da tarifa de transporte (TUSD), grau de centralização da gestão de riscos; a volatilidade do PLD – preços de liquidação das diferenças no mercado livre; o cálculo e o rateio de encargos como a CDE – Contribuição ao Desenvolvimento econômico; mais foco no fio e menos no comércio nas distribuidoras; mais ou menos dólar nas precificações do setor, com mais ou com menos financiabilidade e hedge; e, o futuro do MRE – Mecanismo de Realocação de Energia.

Não esquecer que as garantias físicas em revisão não são elementares como a maioria entende (elas são uma ponderação entre o Custo Marginal de Operação-CMO do momento e a produção física do gerador; elas mixam valores econômicos e energéticos; elas não são mera e fisicamente fixas ou a produção mínima na pior vazão de um rio em que operam).

Os cenários também dependem do abandono da judicialização que hoje comanda o setor, cujo modelo em vigor dá os últimos suspiros.

Paulo Ludmer é autor de Derrixa Elétrica (Artliber, 2010); Sertão Elétrico (Artliber, 2013); e, Hemorragias Elétrica (Artliber, 2015)